

O pensamento de Félix Guattari sob a ótica do design

Jorge Lucio de Campos, Adriana Ribeiro*

“(Quem sabe) o pensamento (...) sobreviva à fala sem fim e ao silêncio assustador em que se move, tão aceleradamente, o que nos é contemporâneo”

Marcio Tavares d’Amaral

1

Propomo-nos discutir aqui, mesmo que sucintamente, a abrangência epistemológica do design, mediante uma consideração de índole transdisciplinar que não apenas o situe como *integrante de* ou *inscrito nesta ou naquela* modalidade de saber. Ao contrário, pretendemos mostrar o quanto uma confluência de reflexões pertencentes a outras áreas de interesse seria positiva para a formulação de um pensamento agudo em design, visando à elaboração de uma discursividade teórica apropriada para o seu deslanche.

Para tanto, nos apoiamos em algumas convicções do psicanalista francês Félix Guattari (1930-92), que, a nosso ver, contribuíram e muito com “territórios” para além de sua origem, tangenciando, com pertinência,

*Jorge Lucio de Campos é Doutor e Pós-Doutor em Comunicação e Cultura (História dos Sistemas de Pensamento) pela UFRJ (1996). Mestre em Filosofia (Estética) pela UFRJ (1988). Graduado em Filosofia pela UFRJ (1981). Professor do Programa de Pós-graduação (Mestrado) em Design da ESDI/UERJ. Adriana Ribeiro é aluna do Programa de Pós-Graduação em Design (Mestrado) da ESDI/UERJ.

o universo recente - ainda que por demais abrangente - daquele pensamento.

Dotado de um estilo vigoroso, Guattari revelou-se um dos mais representativos *maîtres à penser* do final do século passado. Oriundo de um espaço “estrangeiro” à filosofia, colaborou, durante anos, com Gilles Deleuze (1926-95), na elaboração de conceitos instigantes¹ em livros seminais como *L’anti-Oedipe* (1972), *Mille plateaux* (1980) e *Qu’est-ce la philosophie?* (1991).²

A exemplo de Wilhelm Reich (1897-1957),³ ele rompeu com dogmas marxistas e psicanalíticos de toda ordem. E foi longe nesse empreendimento, assinando uma *opus* na qual a singularidade do desejo jamais se separa das questões sociopolíticas e da própria lógica de funcionamento do *establishment*. Privilegiando como tema o inconsciente coletivo, colocou o problema da subjetividade em termos interessantes para o estudo

¹ Destacam-se, entre eles, os de “corpo sem órgãos” e “esquizoanálise” que, ao buscarem estender e reavaliar os sentidos do inconsciente, acabaram por *ressituá-lo* enquanto o domínio por excelência do possível.

² Outros conceitos criados e desenvolvidos por Guattari foram os de “transversalidade”, “caosmose” e “ecosofia”, sendo que este último, particularmente, se situa no cerne das atuais discussões sobre a sustentabilidade no design, assim como de toda uma reflexão em curso sobre os novos paradigmas éticos relativos a ele.

³ W. Reich. *Escuta, Zé-Ninguém!*

do design, sobretudo para quem pretendesse se envolver com as representações do desejo coletivo.

Suas considerações acerca da “desterritorialização” estimularam inúmeros e proveitosos debates. Para além da concepção filosófica deleuziana - em que aparece intimamente associado aos conceitos de “devir” e “heterogênese” - este conceito não parou de ser investido em âmbitos variados.

Há quem o considere a marca registrada das sociedades contemporâneas, dominadas pelo nomadismo dos fluxos tecnológicos e por um “desenraizamento” programático de proporções surpreendentes. Contudo, deve-se tomar cuidado para não sobrevalorizar esta “sociedade em rede”, na medida em que, a despeito das aparências, cada ato “desterritorializante” implica na reconstrução de novas/outras territorialidades (a chamada “reterritorialização”) móveis, descontínuas e difíceis de interpretar.

Rodrigo Haesbaert⁴ está entre os que sustentam sua adequação não só para diagnosticar o atual incremento da mobilidade social ou de fenômenos como a hibridização cultural, mas também a “precarização territorial” de grupos subalternos que vivenciam (ao contrário dos hegemônicos) uma perda de controle físico e de referências simbólicas sobre/a partir de suas próprias demarcações.

Já que, na prática, nenhum indivíduo consegue viver sem um território, por mais efêmero e temporário que este seja, ambas no-

ções poderiam até se confundir, havendo, assim, tanto um sentido genérico da “desterritorialização” como a destruição ou a transformação de certos territórios em outros (enquanto espaços de dominação político-econômica e de rapina de sentido) quanto um mais estrito, referente aos que teriam perdido, substancialmente, os seus “controles” e/ou “identidades territoriais”.

2

A fertilidade deste e de outros conceitos acabou por despertar o interesse dos designers e dos pensadores do design - especialmente dos que propugnam uma atividade projetual participativa na construção de um imaginário cognitivo-coletivo - preparando o terreno para o que poderá ser um “discurso sistematizado” do design⁵ segundo o qual, de algum modo, “seríamos” a forma dos trens no metrô, “teríamos” a cara dos sites, dos móveis nas vitrines, dos cartazes que devassam os valores do *socius* em que nos inserimos, ou seja, inevitavelmente participaríamos da elaboração dos múltiplos “territórios” que compõem o nosso entorno.

Embora tenha se ocupado com sua instrumentalização, ao longo das décadas de 1980 e 1990, tal orientação ainda não supre a necessidade, cada dia mais premente, de uma inteligência que dê conta da atuação do design na construção identitária da realidade. Assim é legítimo que se recorra a saberes que com ela se alinham na construção ética de uma verdade conceitual ou, como disse Guattari, na implementação de três “ecologias” simultaneamente distintas e intercom-

⁴ R. Haesbaert, *O mito da desterritorialização: Dos fins dos territórios à multiterritorialidade*. O que muitos denominam “desterritorialização”, especialmente no que se refere às classes mais privilegiadas, se trata, na verdade, de uma “reterritorialização” em novas/outras bases, e que o autor propõe denominar “multiterritorialidade”.

⁵ G. Bonsiepe, “Algumas virtudes do design”.

plementares: a ambiental, a social e a da subjetividade humana.

Mesmo entre os que defendem a hipótese de que o design não possui um perfil próprio, faz-se necessário admitir que a capacidade de síntese, o “olhar treinado” acerca do universo para o qual cada projeto se destina e a conseqüente “transposição” do ambiente observado, são características determinantes do “fazer design”, independentemente das ferramentas práticas ou teóricas utilizadas.

Em um recente artigo, a respeito da pesquisa em design, Marcelo Almeida e Alberto Cipiniuk afirmaram que

não é sem razão que, atualmente, se institui uma série de designs ou de abordagens projetuais: ergodesign, infodesign, *experiencing design*, webdesign, etnode-sign, entre outros. O não-enfrentamento desta questão central - a definição dos limites do design - oferece ensejo a duas ocorrências interligadas: o estabelecimento de diversas “atividades de design” relacionadas às fronteiras que o próprio design possui com os demais saberes na sociedade, e o conseqüente crescimento de instâncias de legitimação paralelas, voltadas para designers marginalizados do processo de inserção no mercado de trabalho.⁶

Em *Les trois écologies* (1989), obra em que consagrou o termo *ecosophie* (“ecosofia”, ou seja, uma junção de “ecologia” e de “filosofia”), Guattari buscou viabilizar uma “reflexão ecológica” cujo escopo seria favorecer uma compreensão mais madura das estreitas relações existentes entre o homem e o mundo.

⁶ M. V. L. Almeida e A. Cipiniuk. “O problema da pesquisa em design gráfico”, p. 27.

Nela sinalizou para a necessidade de uma articulação ético-estético-política desses três registros, o que vem sendo levado em conta por um pensamento em design crescentemente preocupado e comprometido com as futuras condições de vida num mundo fadado à codificação total.⁷ Tal predisposição dos novos designers, aparentemente afastada dos enfoques mais tradicionais, se tornou imprescindível para a constituição de uma nova *expertise*.

Para nos, a preocupação atual de sugestões afetivas e emocionais no design parece indicar a vontade de re-inserir as relações humanas no ambiente imediato. Cada vez mais as relações institucionais e pessoais tornam-se soltas nas dimensões de tempo e de espaço. O novo papel do design de objetos e sistemas de comunicação parece ser o de reinsserir os valores humanos e da sensibilidade humana no mundo material, para fazer nossas interações com ele menos impessoais e estritamente funcionais, e mais relacionais, agradáveis e confiáveis.⁸

Já em *Chaosmose* (1992), Guattari dedicou-se, prioritariamente, à análise de uma série de ações transversais ancoradas em determinadas regiões do saber e do fazer - as técnicas e as artes, as ciências, a filosofia e política – assim como ao espaço que a ética deveria voltar a ocupar nos atuais circuitos criativos.

O limiar decisivo de constituição desse novo paradigma estético reside na aptidão desses processos de criação para

⁷ V. Flusser, *O mundo codificado*.

⁸ L. Niemeyer. “Design atitudinal: Uma abordagem projetual”.

se auto-afirmar como fonte existencial, como máquina autopoietica. Já podemos pressentir o fim dos grilhões que a referência a uma Verdade transcendente impunha às ciências como garantia de sua consistência teórica. Tal consistência, hoje, parece depender, cada vez mais, de modelizações operacionais, que se encontram o mais coladas possível à empiria imanente. Sejam quais forem as viradas da história, parece que a criatividade social esta sendo chamada a expropriar os antigos enquadramentos ideológicos rígidos, em particular os que serviam de caução à eminência do poder de Estado e os que ainda fazem do mercado capitalístico uma verdadeira religião.⁹

Trata-se, sem dúvida, de uma abordagem pertinente tanto ao campo de estudos do design quanto aos debates que buscam esclarecer as responsabilidades atribuídas à sua atuação. As evidências destes contornos se clarificam quando traçamos um paralelo em relação aos fatos expressos pelo artigo de Victor Margolin¹⁰ que analisa o papel do design no conflito entre o que o autor chama de modelo expansionista em oposição a um modelo de equilíbrio, ambos resultantes de estudos sócio-ambientais conduzidos desde a reunião do Clube de Roma no início dos anos 1970.

Conseqüentemente, estamos entregues a um processo de negação intensa da necessidade de forjar relações entre os valores conflitantes desses dois modelos.

⁹ F. Guattari. *Caosmose: O novo paradigma estético*, p. 125

¹⁰ “Global equilibrium or global expansion: design and the world situation”.

Existe um vácuo no que diz respeito à conciliação de ambos, que pode ser preenchido através de uma reformulação da prática e do ensino do design. O design é a atividade que gera planos, projetos e produtos. É uma atividade que produz resultados tangíveis, os quais podem funcionar como demonstrações ou como discussões das maneiras em que poderíamos viver...¹¹

É legítimo afirmar que, principalmente ao longo dos anos 2000 - década em que o ensino do design priorizou o autoconhecimento e o estabelecimento de um paradigma adequado para o pensamento em design - os designers procuraram delimitar melhor a sua área de atuação.¹² A partir desta afirmação, é importante voltar os olhos para o fato de que uma nova mentalidade - nascida da crise do modernismo e que conseguiu absorver bem, em seu passado recente, os inúmeros percalços da ressaca pós-moderna - abriga no bojo qualidades suficientes para permitir que se elabore um novo conceito de projeto e processe, com a maturidade e a serenidade necessárias, as linhas de força do matizado contexto hipermoderno¹³ que ora nos define.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, M. V. L. de; CIPINIUK, A. “O problema da pesquisa em design gráfico”. In: *P&D Design – Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*. Rio de Janeiro:

¹¹ Op. cit., p. 37.

¹² A. Villas-Boas, “As mudanças nos anos 90: Impressões de viagem”.

¹³ G, Lipovetsky. Os tempos hipermodernos.

2007. Anais do IV Congresso Internacional de Pesquisa em Design/V Congresso Brasileiro de Pesquisa em Design. Rio de Janeiro: ANPED, 2002.
- BONSIEPE, G. “Algumas virtudes do design”. In: LIMA, G. C (Org.) *Design: Objetivos e perspectivas*. Rio de Janeiro: PPDESDI UERJ, 2005.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O que é filosofia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- ECO, U. *As formas do conteúdo*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- FLUSSER, V. *O mundo codificado*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.
- GUATTARI, F. *Caosmose: Um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: Dos fins dos territórios à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- LIPOVETSKY, G. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- MARGOLIN, V. “Global equilibrium aos global expansion: Design and the world situation”. *Design issues*, v. 12, n. 2, s/d.
- NIEMEYER, L “Design atitudinal: Uma abordagem projetual”. In: LIMA, G. C (Org.) *Textos selecionados de design 1*. Rio de Janeiro: PPDESDI UERJ, 2006.
- NORMAN, D. A. *Emotional design: Why we love (or hate) everyday things*. New York: Basic Books, 2005.
- ORTIZ, R. *Cultura brasileira & identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- REICH, W. *Escuta, Zé-Ninguém!* São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- VILLAS-BOAS, A. “As mudanças nos anos 90: Impressões de viagem”. In: P&D *Design – Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*. Anais do I Congresso Internacional de Pesquisa em Design. Brasília: 2002/V Congresso Brasileiro de Pesquisa em Design. Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

Resumo

Este artigo aborda alguns conceitos elaborados por Félix Guattari e sua pertinência para um estudo teórico do design e assim como de sua crescente integração ao âmbito dos estudos sobre o comportamento das sociedades.

Palavras-chave: Design, Transdisciplinaridade, Territorialidade.

Abstract

This article approaches some concepts elaborated by Félix Guattari and their pertinence for a theoretical study of design and the encirclement of their recent establishment at the circle of studies about the societies behavior.

Keywords: Design, Transdisciplinarity, Territoriality.